Beatriz Stefany Santos Kulza

Larissa Victoria Araújo da Silva

Luíza Corrêa Bindão

Miqueias

Tainá Alves da Silva

Tobias da Silva Lino

**Nietzsche e a questão da vida**

Podemos delimitar a nossa análise da filosofia sobre a questão da vida baseando-se no conceito de Eterno Retorno, de Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). Ele, que foi um filósofo, poeta e autor alemão, criado com uma educação rígida e princípios luteranos, desenvolve em suas obras a afirmação da morte do Deus pregado pelo cristianismo pelos iluministas que trouxeram a razão1. Esta afirmação serviria para a transformação da vida e criação de novos valores segundo a concepção de que “o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e a fabulação da religião cristã” MARTON (2016, p. 12).

Em Assim falava Zaratustra, podemos notar a noção cíclica da vida: “Tudo vai e passa - tudo volta – e volta até mesmo o ir e passar. Este agora já foi – já foi inúmeras vezes”. Essa noção também é afirmada em:

“‘Agora morro e desapareço’, falarias, ‘e num instante serei nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o nó de causas em que estou emaranhado retornará — ele me criará novamente! Eu próprio estou entre as causas do eterno retorno” (NIETZSCHE, 2011, p. 206).

Dessa forma, podemos identificar o conceito de Eterno Retorno na ideia de que tudo na vida começa, termina e retorna. Essa concepção também tem como argumento “se a quantidade de matéria ou energia no universo é finita, então há um número finito de formas em que as coisas no Espaço podem ser arranjadas” (NETO, 2020 apud ALMEIDA, 2005)2.

Dentro dessa concepção de como é a vida, Nietzsche pondera como podem ser as respostas para isso. A primeira é a do “total desespero coletivo, pois a condição humana é trágica, a vida contém muito sofrimento, e o pensamento de que viver tudo isso de uma forma cíclica, parece ser algo terrível” (NETO, 2020).

A outra resposta é o dizer “Sim” para essa vida em totalidade, afirmando o que acontece sem recair nas definições de bem e mal” (ROMÃO, 2021). Nietzsche o define como *Amor fati*, que significa *Amor ao destino.* Segundo MARTON (2016), isso não significa ter uma atitude de conformidade ou submissão, mas “aceitar tudo o que há de mais terrível e doloroso, mas também tudo o que há de mais alegre e exuberante na vida”. Conforme o próprio Nietzsche:

“Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” (NIETZSCHE, 2012, p. 166).

Aplicando esse conceito em algum evento da vida cotidiana, como por exemplo: dirigir em alta velocidade, bater em outro carro e causar um acidente fatal, podemos facilmente identificar ambas posições a depender da atitude do motorista. Sob o seu ponto de vista, ele pode ou negar a vida procurando maneiras de justificar o acidente retirando sua própria “culpa”, atribuindo a razão do acidente ao motorista do outro carro e buscando sua própria absolvição de qualquer penalidade possível ou assumir que dirigir em velocidade alta poderia gerar um acidente, aceitando a vida como ela é e cumprindo com sua responsabilidade perante os outros.

Portanto, afirmando que a vida é cíclica e, por consequência, tanto as coisas ruins, quanto as boas continuarão acontecendo, devemos aceita-la como ela é e aproveitá-la de todas as formas sem negar o seu sofrimento ou tentar justificar os seus fracassos.

**Notas:**

1. “O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos”. NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 147.
2. ALMEIDA, Rogério Miranda de. Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Loyola, 2005.

**Referências:**

MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n.2, p. 11-46, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/nXt4DyDDhrFts3CbW4rdYfn/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 15 abr. 2023.

NETO, E. R. de A. O Eterno Retorno na Filosofia de Friedrich Nietzsche. FASBAM, 20 ago. 2020. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/2020/08/20/o-eterno-retorno-na-filosofia-de-friedrich-nietzsche/>>. Acessado em: 15 abr. 2023.

NIETZSCHE, F. W. A gaia ciência. Tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012

\_\_\_\_\_\_. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROMÃO, A. de A. Amor fati: delineamentos da afirmação em Nietzsche e Deleuze. Primeiros Escritos, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 162-171, 2021. DOI: 10.11606/issn.2594-5920.primeirosescritos.2021.178112. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/primeirosescritos/article/view/178112. Acesso em: 15 abr. 2023.

**Fontes:**

Biografia de Friedrich Nietzsche. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/friedrich-nietzsche.htm>. Acessado em: 15 abr. 2023.

Vontade de Poder. Disponível em: < <https://www.wikiwand.com/pt/Vontade_de_poder>> Acessado em: 15 abr. 2023.